

## PAISAGENS INTERIORES: UM ROTEIRO REFLEXIVO PELAS RUAS DO CENTRO DO RIO DE JANEIRO

Marcelo Pereira Matos<sup>1</sup>  
Mauro Fausch Bühler<sup>2</sup>

### Introdução

De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas (CALVINO, 1990, p.44).

Há tempos o homem vem lançando-se em peregrinações por várias partes do mundo. Seja por motivações políticas, religiosas ou de autoconhecimento, diversos lugares se tornaram reais testemunhos de viajantes em busca de uma resposta que dê sentido/significado a suas vidas. Não só estruturas de conhecimento associadas a práticas espirituais como também estudos acadêmicos de base fenomenológica têm apontado para o fato de que a exposição do indivíduo a determinados lugares pode mover conteúdos internos deste, uma vez que tanto o indivíduo quanto o lugar possuem uma história, um legado de lembranças e forças atuantes que podem se entrecruzar mediante um encontro profundo e silencioso (BACHELARD, 2000; BONDER, 2008). Para onde vamos levamos quem somos. Essa expansão do eu até a identificação com a natureza constitui a diretriz básica da Ecologia Profunda.

Com o passar dos anos, principalmente quando consideramos o modo de vida ocidental e a expansão do ideal de acúmulo do capital, o homem tem mantido uma relação sujeito/objeto com a natureza, o que tem resultado em diferentes modos de apropriação e uso intensivo dos seus recursos, causando em algumas áreas uma degradação ambiental de quadro irreversível. Esse distanciamento da natureza, que justifica a visão desta como objeto a ser conquistado/apropriado, tem sido

constantemente denunciado por diversos autores como Joanna Macy e Molly Young Brown (2004), Arne Naess (2005), Leonardo Boff (2008), dentre tantos outros que têm contribuído para mostrar como tal distanciamento constitui uma verdadeira barreira que torna inútil qualquer discussão acerca de educação/preservação ambiental.

Guimarães (2007) acrescenta a esta discussão a hipótese de que a paisagem é um ambiente de ensino-aprendizagem direcionada e incidental através da experiência, propiciando estímulos cognitivos e afetivos que podem “reconectar” o ser humano a si próprio e ao seu entorno, cooperando para a conservação ambiental. E, de fato, falar em educação ambiental sem que haja uma relação sujeito/sujeito com a natureza, onde o indivíduo estabeleça uma relação profunda, baseada em um senso de pertencimento e de participação, torna ineficaz qualquer política de preservação ambiental, por mais bem-intencionada que esta seja. Toda relação brota primeiramente de nossa consciência, é fruto de suas tensões. Nossa consciência é, em muitos sentidos, o primeiro lugar de habitação.

Neste sentido, procuramos com esse trabalho acrescentar à discussão algo que consideramos fundamental como primeiro passo para que esta relação profunda do indivíduo com a natureza seja construída: a formação de consciência. Em outras palavras, uma consciência ecológica quando tomamos como perspectiva a Ecologia Profunda. Como observa Tuan (1980, p.1): “sem a autocompreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos”.

A necessária e urgente aproximação do indivíduo com a natureza também tem sido alvo de discussão em inúmeros encontros globais acerca da sustentabilidade e tem revelado, em um nível mais psicológico, a distância do homem em relação a sua própria natureza. Afinal, o indivíduo também é um lugar, uma instância consciente da Terra. Uma relação saudável com a natureza começa no aprofundamento consciente da própria natureza humana, composta também por pensamentos, sentimentos,

desejos, memórias; todas as qualidades que nos levam a nos distinguir enquanto povos, culturas e indivíduos e que, ao mesmo tempo, nos lembram de um lugar coletivo, para além de qualquer diferença, que também denominamos de nossa humanidade. Isso ajuda a explicar também por que tantas pessoas têm encontrado respostas em terapias holísticas oriundas de práticas xamânicas, uma vez que o fundamento do xamanismo é fazer com que o indivíduo se conecte com a sua própria natureza, até o momento em que esta conexão revele a tênue fronteira mundo interno/mundo externo quando se trata de relação homem/natureza a partir de uma perspectiva simbólica e ilumine as conexões ocultas que tornam os seres humanos inextricavelmente ligados à teia da vida em nosso planeta (CAPRA, 2005).

Quando nos tornamos minimamente conscientes dessa conexão oculta, uma jornada de autoconhecimento não precisa acontecer necessariamente em paisagens já consagradas pelos seus percursos de peregrinações, de encontros com o sagrado, a exemplo de Santiago de Compostela, Lourdes ou o interior de uma floresta. A paisagem urbana mais próxima, a nossa própria cidade, pode servir de proposta para uma consciência desperta – o surpreender-se pode ocorrer na mesma paisagem que passa despercebida dia após dia devido à obviedade do ritmo compassado do cotidiano. Esta mesma paisagem demasiado conhecida tem o poder de tornar-se imediatamente desconhecida no exato momento em que nos esvaziamos dos nossos pressupostos em relação a ela e nos propomos a refletir acerca do que não conhecemos dela, ou não percebemos.

Esse esvaziamento de ideias e pressupostos que se tem do lugar é, portanto, imprescindível para o acontecimento de uma nova experiência do lugar. Convidar o silêncio como ponto de partida para uma experiência relaxa a rede de relações e a coerência das tensões que configuram um lugar como conhecido. O esvaziamento não representa a capacidade de se ausentar do que se conhece, mas sim uma disponibilidade para se surpreender com uma relação renovada daquilo que nos afeta na presença. O vazio, em muitos sentidos, para a nossa consciência, é aquilo que

ainda não foi nomeado ou convidado a uma relação consciente. Mas age, como tudo sempre age. Do vazio brota uma experiência não projetada, ou reconhecida. Ao invés de tirar uma nutrição da vacuidade, como os antigos pensadores propoariam, nós nos ocupamos constantemente com coisas para nos evadir desse espaço do vazio do mundo. O silêncio enquanto proposta de experiência nos coloca na intensidade máxima de um lugar, de pertencimento profundo ao que ali pode vir a ser.

A proposta deste trabalho, propositalmente ousada em termos acadêmicos, mas em nada inédita quando recordamos antigos cronistas, filósofos, poetas, xamãs, peregrinos; é apresentar um roteiro reflexivo pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, onde o participante é convidado a deixar de lado ideias pré-concebidas a respeito dos lugares visitados e a pensar acerca de questões específicas da experiência humana, a partir de sua própria vivência. A ideia é que o participante deste roteiro estabeleça uma relação íntima com elementos emblemáticos da paisagem do centro do Rio a ponto destes servirem de inspiração/ponto de partida para reflexões mais profundas acerca de suas próprias questões internas.

As ruas do Rio de Janeiro já serviram de reflexão para o famoso cronista do início do século XX, João do Rio, principal personagem do estilo de vida e modo de ser denominado *flâneur*. As rápidas transformações na paisagem e no modo de vida do carioca no contexto político-ideológico da *Belle Époque* foram retratadas com precisão por este escritor, que se empenhou em revelar “a alma encantadora das ruas” (DO RIO, 2008) em meio a muitas contradições que se tornaram cada vez mais visíveis no espaço urbano que buscava se tornar a “Paris dos trópicos”.

Sem dúvida alguma, a capital carioca pode ser considerada por toda história e cultura urbana um cenário perfeito para diversos roteiros reflexivos. Nosso trabalho, portanto, busca ir um pouco além de um roteiro turístico ou histórico, propondo ao participante a experiência de se tornar um *flâneur* em busca de sua própria profundidade.

Diferente da imagem exaustivamente explorada pela mídia, entendemos que ser carioca é um estado de espírito não só festivo, mas de pertencimento a um conjunto de aspectos profundos que juntos nos compõem e que, assim como a própria história desta cidade, passa necessariamente por batalhas, conquistas, desapoderamento, exclusão, revoltas, tristezas, alegrias, beleza, pobreza, etc. Não muito diferente de nossa jornada pessoal. Neste sentido, qualquer pessoa disposta a reviver a profundidade dessas distintas experiências ao percorrer as multifacetadas ruas do centro do Rio pode se tornar carioca por excelência.

### **As Múltiplas Transformações do Centro Carioca**

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada originalmente em 1565, entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão e ali permaneceu por apenas dois anos. Existem poucos registros desse conjunto de casebres que formou a primeira fixação da cidade, mas é fácil perceber sua vulnerabilidade através de relatos de viajantes estrangeiros que aportaram na Baía de Guanabara e deixaram um importante legado de apontamentos que têm servido de estudo para a história do Rio de Janeiro colonial (FRANÇA, 2000).

A Baía de Guanabara constituía um importante local de parada para abastecimento de navios expedicionários. Tal ponto de abastecimento tornou-se um ponto de colonização/exploração quando se iniciou o estabelecimento das capitânicas hereditárias, sistema adotado em diversas ilhas do Atlântico com fins de fundar vilas e doar sesmarias, uma maneira de extrair renda.

Em 1567, logo após a expulsão dos franceses, a cidade já havia se transferido para o Morro do Castelo, um sítio defensivo mais estratégico contra os constantes ataques estrangeiros, pois além da visão privilegiada da baía por sua altitude, era cercado de terreno pantanoso e alagadiço.

Além das invasões estrangeiras, as guerras inter indígenas também constituem importante variável para o entendimento da conquista territorial do Rio de Janeiro. Um exemplo disso foi a aliança dos franceses com os índios Tamoios, que resultou em numerosos conflitos em terras cariocas, uma vez que outra tribo (Maracajás) se uniu aos portugueses em defesa do território.

A ocupação da várzea tomou fôlego após a construção do Mosteiro de São Bento, no início do século XVII. O trajeto entre os morros do Castelo e de São Bento, formado pelas ruas da Misericórdia e Direita (atual Primeiro de Março), teve sua ocupação acelerada e sua importância legitimada ao longo das décadas posteriores como o principal logradouro da cidade colonial.

A cidade permanece por mais de dois séculos na área compreendida entre os morros do Castelo, São Bento, Santo Antônio e Conceição. Além dos morros, a lagoa do Boqueirão d`Ajuda (onde hoje fica o Passeio Público) e as áreas de rossio (terras comunais, geralmente utilizada para pastagens), a principal delas ficava na área “além da Uruguaiana” e compreendia toda a área do mangue (conhecida como o campo da cidade); também representavam verdadeiros limites da área urbanizada nos primeiros séculos após a fundação da cidade. Tantos séculos de concentração neste mesmo perímetro deixaram uma incrível multiplicidade de paisagens e monumentos que justificam a relevância de um passeio com um olhar consciente das forças ideológicas herdadas de diferentes momentos da história urbana carioca.

O sítio difícil, constituído por mangues, vales, lagoas, enseadas e gamboas, fez com que a cidade fosse forçosamente criada a partir do estabelecimento de aterros, desmonte de morros e outras estratégias de intervenção máxima no meio físico-natural da cidade, que quase sempre resultaram em inundações e deslizamentos de encostas. Esse referencial de luta e de conquista de território permanece até os dias de hoje em seus habitantes. Afinal, o passado foi o agente do presente, ele nos move.

Habitar um lugar é conviver com suas questões e histórias, tendo nós consciência disso ou não.

No início do século XIX, com a chegada da família real, a cidade passa pelas primeiras modificações substanciais na sua estrutura urbana. O surgimento de uma nova classe social em uma cidade predominantemente escrava potencializou as disparidades e contradições da paisagem da cidade, agora imperial, que buscava de toda maneira se adaptar às rápidas mudanças econômicas e ideológicas que visavam afirmar a cidade como um importante ponto no mapa do capital internacional.

O crescimento físico da cidade para além do núcleo central se fortalece a partir de 1870, com a introdução dos bondes e trens a vapor, que acabaram por direcionar vetores qualitativamente diferenciados entre zona sul e subúrbio. No entanto, grande parte da classe trabalhadora ainda se manteve nos arredores da área central, principalmente pela pouca condição de arcar com os custos dos transportes públicos, o que resultou na proliferação de cortiços e casas de cômodo de condições insalubres (ABREU, 1997).

No entanto, em nenhum outro período a cidade passou por tamanha transformação como entre os anos de 1902 e 1906, período da gestão do prefeito Pereira Passos. A denominada Reforma Passos, verdadeira revolução urbanística que procurou adaptar a cidade ao novo momento pelo qual a nação passava: crescimento econômico decorrente da produção cafeeira, integração da economia do país no mercado internacional, intensificação das atividades portuárias, etc. Tal reforma procurou, sobretudo, resolver as contradições existentes no espaço urbano que ainda apresentava características coloniais que não refletiam os ideais burgueses, abrindo largas avenidas, implementando diversas obras de embelezamento e construindo edificações inspiradas no estilo francês (símbolo de uma sociedade civilizada).

As décadas seguintes do regime republicano também se destacaram por grandes intervenções no espaço físico da cidade, principalmente no desmonte de morros e aterramento de áreas junto ao mar para atender ao crescente número de automóveis que passaram a circular nas ruas da cidade.

Ao percorrer as ruas do centro histórico do Rio verificamos a sobreposição desses diferentes tempos. É possível contemplar relíquias do passado colonial, joias arquitetônicas do império, praças e avenidas construídas sob a ideologia dos novos valores republicanos e também construções híbridas de um pós-modernismo ainda carente de uma identidade própria frente ao mundo globalizado. Poucos lugares do mundo, com uma extensão passível de ser percorrida a pé, passaram por tantas metamorfoses, tantos regimes políticos que modelaram o espaço a partir de suas ideologias.

A trajetória do centro histórico do Rio de Janeiro se apresenta, em muitos sentidos, similar a trajetória de um indivíduo. Assim como a cidade surge em um sítio condicionado por limitações claras a sua expansão natural, nós indivíduos também nascemos em um cenário familiar estabelecido, no qual nos desenvolvemos e ao qual somos chamados a honrar. A cidade e o indivíduo se encontram reunidos também numa interioridade velada pelo tempo, assumida como história e às vezes também escondida pela mesma. Todo lugar que delineamos com afeto e identidade revela nuances de um caminho por onde a vida transitou em marcas, monumentos e memórias, cuja presença, muitas vezes, se encontra à espera de ser reveladora de uma profundidade, através da prática de um olhar cuidadoso. Este olhar nos requer totalmente e tem o poder de nos mover a sentidos nunca antes vislumbrados. Agregando assim, uma liberdade que brota da disponibilidade de permanecer atento ao fato de que a vida segue, também, porque nunca algo se revela totalmente.

A história do Rio, em linhas gerais, parte de uma cidade defensiva, voltada para a legitimação do seu território, para uma cidade aberta ao novo e que busca com

afinco se afirmar cada vez mais como cidade mundial, sede de grandes eventos. Em resumo, é isso o que pretendemos mover no participante que aceitar o desafio de se expor ao roteiro reflexivo proposto: uma abertura a um desconhecido renovador que pode se originar do pensamento acerca de questões tão distantes e tão próximas de nossa história. Ao relacionarmos a percepção daquilo que constitui o espaço comum com o pensamento do que nos constitui enquanto indivíduos, refazemos o convite para construir uma realidade reveladora de quem somos.

Propomos a partir de agora um novo acordo com o passado, tornando-o tão desconhecido quanto o futuro.

## **O Roteiro**

O ponto de partida do nosso roteiro é a Santa Casa de Misericórdia, instituição construída logo após a fundação da cidade pelo padre José de Anchieta. O prédio atual foi reconstruído em 1840 em estilo neoclássico e possui um jardim interno que nos possibilita um silêncio único em meio ao turbilhão de estímulos sensoriais do Centro do Rio. Por outro lado, o que chamamos de silêncio não é somente uma interrupção de ruídos, e sim uma postura aberta, disponível e respeitosa frente à vida. Daí a importância de aproveitar o silêncio desse jardim, imerso a uma importante instituição secular da cidade, para um bom início de jornada pessoal. O silêncio nos revela uma profundidade sempre disponível, mas muitas vezes acessada somente quando somos cerceados da liberdade ou tomados pela dor. Um lugar onde há dor e cura se mostra pleno na proposta do caminho para uma consciência de cuidado. Um espaço de acolhimento para aquilo que em nós, muitas vezes, se encontra esquecido. Todos estamos sujeitos as mesmas condições de nossa humanidade.

Ao sair da Santa Casa, caminhe pela Rua Santa Luzia até o final e vire à esquerda. Logo você chegará à Ladeira da Misericórdia, o último legado do Morro do

Castelo que ainda permanece vivo na paisagem da cidade. Consideramos este lugar de extrema importância na memória urbana do Rio, uma vez que representa um dos acessos para o antigo berço da cidade, relevo que no passado possuía sessenta metros de altitude e abrigava importantes instituições públicas e religiosas da cidade colonial.

O Morro do Castelo recebeu este nome devido ao Colégio dos Jesuítas, que se instalou ali e cuja muralha assemelhava-se, quando avistada ao longe, a de um castelo. O Colégio, pertencente à Companhia de Jesus, foi fundado pelo Padre Manuel de Nóbrega e objetivava, sobretudo, a catequese dos índios nativos. Com isso, o processo de educação constituiu, desde os primórdios, uma grande estratégia de adequação da cidade aos valores externos oriundos do Estado europeu e da religião católica. Ainda que esta instituição jesuítica e tampouco o próprio morro não estejam mais presentes na paisagem, essa toponímia permanece até os dias de hoje nesta região.

Este morro, onde o Rio efetivamente se estabeleceu como cidade nas primeiras décadas após sua fundação, foi arrasado na década de 1920 sob o discurso higienista de melhorar a circulação do ar e evitar doenças. Seu desmonte representou a ruptura simbólica e radical da cidade com seu passado colonial e prova definitiva que o Rio se civilizara (LESSA, 2000). Esse exemplo de violência contra a própria natureza evidencia a busca incessante de esquecimento do passado que perdurou por muito tempo na cidade. Na década seguinte, sob o contexto político-ideológico do Estado Novo, foi construída no local a denominada Esplanada dos Ministérios.

Ao iniciar nosso roteiro reflexivo pelo pouco que sobrou do sítio mais importante da cidade colonial e observar a maneira como o poder público trata com descaso esse lugar, cuja ocupação ilegal por moradores de rua pode ser constatada de imediato, uma proposta de pensamento logo surge em nosso roteiro: Como você se relaciona com o seu passado?

Todos nós estamos conectados e somos interdependentes na vida. Só estamos aqui porque nossos pais, avós, bisavós e outras gerações existiram antes e nos transmitiram a essência vital.

Nossa existência é sustentada por um fluxo energético que vem de muito longe e é passado de geração para geração, como uma linha guia contínua que nos conecta no tempo e no espaço. Nossa liberdade de ação no mundo e crescimento individual vêm da aceitação profunda do lugar único e intransferível que nos é dado primeiramente na família. Na família aprendemos sobre intimidade e relação. A família, assim como a cidade, representa um núcleo expandido de consciência com uma temporalidade para além da perspectiva individual.

Através da aceitação profunda da própria família enquanto um lugar que nos presenteou com a própria vida e dos acontecimentos passados como foram, experimentamos um relaxamento profundo no presente, um estado de não luta com a vida e uma abertura em nosso espaço interior. Neste espaço, ganhamos a liberdade para dar um novo sentido, não há mais necessidade de reproduzir os eventos passados. Percebemos a nutrição e o amparo que vêm da ancestralidade que se doou inteiramente como existência, e nos colocamos de frente para o mistério da vida. Nossa referência passa a ser o infinito desconhecido, não mais o familiar acontecido. Em paz com o caminho da vida ampliamos os limites do familiar para incluir também o desconhecido. O desconhecido nos requer totalmente, pode nos transformar por inteiro.

Tendo em vista esta reflexão é de fundamental importância que respondamos com profunda honestidade as seguintes questões: O seu passado te impulsiona ou te segura? Você pode afirmar verdadeiramente que não faltou nada? O que você precisa abdicar ou fazer para isto acontecer?

Seguiremos nosso roteiro pelo caminho mais percorrido e mais importante do Rio de Janeiro colonial: do morro do Castelo ao morro de São Bento, passando pelo Largo do Carmo (atual Praça XV).

Ao descer a Ladeira da Misericórdia, vire à esquerda e atravesse a rua, entrando pela Rua Dom Manuel (junto ao Tribunal de Justiça do Estado) em direção à Praça XV. Vire à direita somente na Rua Jacob do Bandolim e caminhe em direção à Estação das Barcas.

Local de desembarque da família real em solo carioca, o Largo do Carmo foi, durante muitos séculos, considerado como epicentro da cidade, palco de inúmeros e importantes acontecimentos históricos, manifestações populares, festejos, etc. Além de influenciar o nome do lugar, o Convento do Carmo foi a instituição mais significativa deste largo e sua arquitetura se destacava na paisagem. Arquitetura esta, hoje alterada para abrigar o moderno prédio da Universidade Cândido Mendes erguido em meio a este convento secular.

A importância política desta praça foi tamanha que sua toponímia foi alterando-se a partir dos diferentes regimes políticos, passando de Largo do Carmo para Largo do Paço, na época do império, e depois para Praça XV, em decorrência da data da proclamação da república.

Algumas relíquias do império podem ser admiradas na paisagem da atual Praça XV: o Chafariz do Mestre Valentim, o Paço Imperial e o Arco dos Telles. O chafariz, construção datada de 1789 e atribuída a mestre Valentim, o mais importante escultor da época, recebia as águas do rio Carioca e se localizava na beira do cais, tendo a função de abastecer as embarcações que aportavam na Praça XV. A água era canalizada no Morro de Santa Tereza, transportada através do aqueduto da Lapa e desviada por canos de pedra por toda a Rua do Cano (atual Sete de Setembro) até o Largo do Carmo.

O Paço Imperial é uma construção de 1743 e já abrigou, ao longo de sua história, diferentes funções: sede do governo, Casa da Moeda e, em 1808, foi transformado em Paço Imperial para abrigar a família real (o que resultou em sua ampliação através da construção de um terceiro andar). Foi cenário de importantes momentos da história do país, como o dia do Fico e a comemoração da assinatura da Lei Áurea.

Um passeio pelo Arco dos Telles também é indispensável para quem passa pela Praça XV. Tal arco constitui um remanescente do antigo palácio dos Telles de Menezes, destruído por um incêndio no ano de 1790. O sobrado de número 13 é conhecido por ter servido de residência para a internacionalmente famosa cantora Carmem Miranda.

Caminhe até a Rua do Ouvidor e entre na Rua dos Mercadores. Vire à esquerda e caminhe até a Rua Primeiro de Março, antiga Rua Direita, a mais importante rua comercial da cidade nos primeiros séculos de sua existência. Ao longo desta extensa via, é interessante observar o conjunto de sobrados que resistiram na paisagem, em parte graças a pouca valorização desta área para o mercado imobiliário. Chegando ao final deste logradouro, onde o comércio passa a se caracterizar por uma especialização em uniformes de diferentes instituições, é interessante observar na paisagem como o esquecimento pode também possibilitar a resistência.

Chegando ao final deste logradouro, por conta das obras do porto, é necessário virar à esquerda na Rua Conselheiro Saraiva e dobrar a primeira rua à direita (Rua Cortines Laxe) até chegar a Rua Dom Gerardo, onde fica a subida para o morro de São Bento. Neste morro, os monges se instalaram em 1590 e iniciaram a construção da igreja que, por sua vez, só foi finalizada no século XVIII e é um dos mais importantes símbolos do barroco brasileiro.

Descendo da altura do Morro de São Bento, “aterrissamos” na Praça Mauá, caleidoscópio que sintetizou no espaço o silêncio de um mosteiro, o lamento dos escravos, os primeiros batuques do samba e a gritaria dos fãs na porta da Rádio Nacional, ícone da cultura popular nas primeiras décadas do século XX e que por muitos anos foi o maior edifício do país.

Atravesse a Avenida Rio Branco e depois a Rua do Acre, entrando na Travessa do Liceu. Vire à esquerda na Rua Sacadura Cabral e caminhe até a Rua Argemiro Bulcão, onde chegaremos ao Morro da Conceição. Suba pela Pedra do Sal e caminhe até a Rua Jogo da Bola, quando encontramos um bucólico mirante onde é possível contemplar as múltiplas temporalidades da Praça Mauá: o barroco colonial do mosteiro, o prédio da antiga Rádio Nacional (edifício-símbolo da Era do Rádio que por muito tempo foi o maior do país), e o pós-modernismo do primeiro prédio da cidade denominado “edifício inteligente”: o “Rio Branco 1”.

O Morro da Conceição foi batizado com este nome em virtude da capela de Nossa Senhora da Conceição, erguida em 1634. Anos de abandono por parte do poder público e de desinteresse por parte dos cariocas fizeram com que o casario de forte influência portuguesa permanecesse preservado em sua paisagem, bem como antigos moradores que criaram laços afetivos de convivência e transformaram este espaço em um lugar por excelência.

No passado, a chamada Pedra do Sal abrigou o maior mercado de escravos na cidade, o Valongo, que funcionou até 1831. Neste mesmo local aconteciam as primeiras rodas de samba fora dos terreiros, nas quais frequentavam importantes figuras do samba como João da Baiana, que ficou conhecido por introduzir o pandeiro ao ritmo mundialmente conhecido como a marca da cidade e do país. Era um reduto legítimo de estivadores, imigrantes nordestinos e negros, responsáveis pelo trabalho braçal da construção da cidade, territorialmente limitados nesta região que ficou conhecida como “Pequena África” e excluídos das partes “luminosas” da cidade. Vale

lembrar que o medo, a desconfiança do outro e, logo, a exclusão, sempre foi parte intrínseca do fenômeno urbano carioca.

Sendo assim, neste momento do roteiro surge como proposta de pensamento as seguintes questões: Quão excludente você é? Quão excludente é a sua consciência? E mais: Que imagem, ideia ou verdade oculta essa exclusão?

Com a consciência excludente legitimamos uma verdade que nos cega a todas as possibilidades de vir a ser diferente. A exclusão aqui representa uma negação de pertencimento àquilo que tem direito ao lugar. A exclusão é, muitas vezes, um estado defensivo. Seja a negação de um pertencimento de valor histórico, étnico, cultural ou de aspectos de nossa interioridade, pagamos o preço de uma igualdade que nos anula e, a longo prazo, nos aniquila. A exclusão é, em muitos sentidos, a semente da violência.

A consciência do cuidado, associada ao simbolismo generoso e inclusivo do coração, vê ambivalência, movimento e reconhecimento em tudo. Uma coisa e o oposto dela são igualmente verdadeiros, pois partilham do acontecimento da vida. Não é difícil perceber que naturalmente a vida se propôs em diversidade, fruto de interações das diferenças.

Desta reflexão podemos perceber uma liberdade mais essencial, pois esta interação é anterior as nossas escolhas, perdemos liberdade ao excluir. A exclusão seria, neste sentido, a grande ilusão, pois nos retira da relação essencial. Tudo o que é feito através da exclusão está imbuído de ilusão. A consciência excludente tende a fragmentação e ao autocentramento. A consciência mais coletiva obedece a uma lei essencial: não é possível a exclusão. O excluído engendra meios de pertencer que acabam por se tornar formas culturais, propostas sociais. Em uma esfera mais íntima, um indivíduo renovado. O excluído guarda o segredo de nossa integração.

No alto do morro, encontramos as instalações onde outrora serviram de moradia para os capuchinhos e que foram ampliadas e transformadas em Palácio Episcopal – hoje Divisão do Serviço Geográfico do Exército. A capela, ainda existente, abriga a biblioteca da instalação militar.

Por causa da constante ameaça de invasões de piratas franceses, foi erguida a Fortaleza da Conceição, em 1718. Desta fortaleza, tinha-se uma visão privilegiada da Baía de Guanabara e, assim, uma possibilidade de proteger o território constantemente ameaçado. Afirmamos anteriormente que esta característica defensiva representa algo fortemente marcado na história da cidade e também na nossa história. No entanto, em nossa jornada pessoal, uma hora esse instinto defensivo tem que ser flexibilizado, pois é através do contato com o outro que se torna possível a constituição do eu. O eu é um estado de relação que se desenvolve, também, nas trocas com os componentes do lugar comum.

Neste ponto do roteiro, é interessante refletir um pouco mais sobre as defesas da nossa consciência. Imagine que você vive em uma fortaleza, sendo este castelo a constituição de permissões e restrições de seu ego; desta forma, muito denso, super defendido. Onde todo mundo é potencialmente e, antes de tudo, assumido como inimigo. Muitas vezes é como nos pré-dispomos a nos relacionar ao andar pelas ruas. Quando entramos em uma jornada de autoconhecimento nos empenhamos em relativizar proteções, abrindo mais as portas e janelas. Esse ambiente começa a se transformar, as luzes em seu movimento revelam assombrações desta estrutura de medo. Assombrações estas que as paredes se empenhavam em ocultar.

O conhecimento de si traz o benefício do convite renovado da vida, ao qual todo outro que vem de fora é o grande portador. O outro nos relativiza de nossos estados internos recolhidos, e nos renova simplesmente por ter uma perspectiva outra.

Os limites, é claro, são importantes. O eu e o outro são distintos, e exatamente por isso, podem se relacionar. Onde termina o eu e começa o outro é uma medida móvel, se expande e se recolhe dadas as situações. Essa mobilidade do eu é em acordo com as necessidades e os desejos, e deve ser percebida na reflexão de cada indivíduo.

Tome para si a seguinte reflexão: O que você ainda está defendendo? E mais: o que na sua vida te distancia do contato com o outro?

Prosseguindo com o roteiro, desça pela Ladeira João Homem até a Rua do Acre. Atravesse esta rua e retorne para a centenária Avenida Rio Branco (antiga Avenida Central), símbolo maior da chamada Reforma Passos, ocorrida no início do século XX e que mudou radicalmente a paisagem da cidade nos primeiros anos do regime republicano.

A principal cidade de uma nação próspera economicamente deveria mostrar no espaço o poder alcançado. A paisagem urbana até então marcada pela fé, com inúmeras torres de igrejas e oratórios públicos, passa a ser remodelada pela ciência, representada por grandes instituições, como o Clube de Engenharia, por exemplo, que repensaram os traços da cidade com o olhar ideológico do progresso e da técnica.

A Avenida Central foi planejada a partir de uma linha reta “de mar a mar”, resultando na demolição de 641 imóveis a partir de uma intervenção urbanística que acabou ficando conhecida como “bota-abaixo”. Ao longo da via, foram construídos prédios de estilos próprios da *Belle Époque*, importantes magazines, bancos, empresas de importação e exportação e equipamentos de cultura e lazer. Os novos usos incorporados no cotidiano da cidade seguiam a um modelo francês de posturas e comportamentos, que eram tidos como “civilizados”, coerentes com a nova dimensão simbólica de progresso oriundo com a República. Todos os edifícios

seguiam regras específicas de um concurso de fachadas e todos deveriam se parecer com os edifícios de Paris.

A avenida, inaugurada em 15 de novembro de 1905, sob forte chuva, com a maioria dos prédios ainda em construção, serviu de local de passeio e exibição da nova elite burguesa que exibia indumentárias importadas e os primeiros carros que começaram a circular pela cidade. Por outro lado, a imponente Avenida Central contribuiu também para expor a abundante segregação sócio espacial existente na cidade e, em parte, potencializada por ela. Segundo Pacheco (2009, p. 89): “a avenida central juntava o *chic* a ela destinado com o visual dos transeuntes mal vestidos e que representavam o lado escuro da reforma”. Esta autora nos chama a atenção para o fato de que a avenida manteve nas laterais as ruelas infestadas de ratos e baratas, ou seja, “a vizinhança excluída da temporalidade gerada pelo espetáculo recém-produzido” (PACHECO, 2009, p.89). Essa consequente exclusão sócio espacial também foi inflada pelo discurso da ciência, representado por médicos e sanitaristas, que sempre associava doenças e epidemias com lugares habitados por pessoas de classes sociais menos favorecidas.

Um passeio hoje pela avenida nos permite verificar as muitas transformações sofridas ao longo da sua história, restando poucos edifícios do projeto original e incorporando prédios de arquitetura pós-moderna e estabelecimentos comerciais que estão longe da sofisticação dos grandes magazines do passado.

Caminhando até a Avenida Presidente Vargas, aconselhamos entrar no Hotel Guanabara e subir até a cobertura deste edifício (que se localiza exatamente na interseção entre estas duas grandes artérias da área central), onde é possível visualizar o traçado “de mar a mar” da Rio Branco e a larga avenida Presidente Vargas, oriunda de um tempo em que o automóvel já dominava o dia-a-dia da metrópole.

A Avenida Presidente Vargas, construída no início da década de 1940, seguiu, segundo Abreu (1997), a ideia apontada no Plano Agache que havia sugerido a construção “de uma grande avenida de continuação do mangue e que desembaraçaria a bonita igreja da Candelária, que se inscreveria perfeitamente na sua perspectiva”. Segundo este autor, salvo pequenas modificações, a sugestão de Agache foi implementada durante o Estado Novo, resultando daí a demolição de 525 prédios durante os três anos de construção da avenida, que foi inaugurada por Vargas em 7 de setembro de 1944.

A Presidente Vargas pode ser considerada um dos maiores ícones do modernismo arrasador que se alastrou no urbanismo carioca junto com o regime republicano. A necessidade vital de ruptura com o passado colonial da capital, tanto em forma arquitetônica quanto em usos e costumes, serviu de combustível para a abertura de grandes avenidas, edificações monumentais de concreto armado e obras ideologicamente sustentadas pelo paradigma científico de inovações urbanísticas funcionais, desconsiderando a opinião do cidadão e procurando refletir, através da cidade, a modernidade que toda a nação alcançara.

Com isso, podemos observar que o caráter “conquistador do espaço” continuou perdurando por muito tempo na história da cidade. Não importava o que e quem estivesse habitando os lugares por onde os caminhos do progresso eram traçados. E, o pior de tudo, é que esse caráter conquistador não buscava dominar somente aspectos tangíveis da paisagem. Todo regime político que se instaurava no país carregava em si muita ideologia e busca de apropriação dos modos, dos costumes e da identidade da “cidade-símbolo” do país. Sendo assim, o tesouro mais precioso da cidade também estava em risco: os aspectos não tangíveis da paisagem carioca.

Ao percorrer o trecho inicial da Presidente Vargas, a partir da Candelária, podemos observar, na paisagem dominada por prédios comerciais, as fachadas que refletem a homogeneidade de formas, que prezam o aspecto funcional acima de

qualquer outro. A monotonia que se instaura na paisagem contribui para resultar, na maioria das pessoas que por ali passam diariamente, em uma falta de identidade do indivíduo com este espaço/lugar.

Onde você se igualou para ser aceito? Essa é uma questão interessante que aparece neste trecho do roteiro. Afinal, em nossas vidas, a busca de aceitação e de inclusão nos diferentes grupos sociais que interagimos pode fazer com que anulemos aspectos da nossa personalidade que coloquem em risco o nosso pertencimento a qualquer um destes grupos. Com isso, preferimos anestesiar aspectos autênticos de nossa personalidade para nos igualarmos e “funcionarmos” da maneira socialmente aceita, assim como os prédios modernistas da monótona e funcional Presidente Vargas.

Saindo do Hotel Guanabara, atravesse a Presidente Vargas e caminhe até a Rua dos Andradas, entre nesta rua e experimente um pouco do agitado cotidiano característico da chamada SAARA (Sociedade dos Amigos dos Arredores da Rua da Alfândega).

A SAARA é uma região inicialmente ocupada por comerciantes ingleses que chegaram ao país com a abertura dos portos em 1808 e se instalaram nesse local. Junto com os ingleses, se instalaram também sírios, libaneses, árabes e judeus; e transformaram esse local em ponto de referência do comércio varejista de produtos populares. Ao percorrer toda a extensão da Rua dos Andradas, é possível experimentar uma alteridade multicultural, em um ambiente festivo, íntimo e limitado.

Ao chegar ao final deste logradouro, que culmina no Largo de São Francisco, vire à direita na Rua Luiz de Camões, onde se encontra o Real Gabinete Português de Leitura, um dos maiores legados dos redutos de imigrantes portugueses na cidade. Construído entre 1880 e 1887, foi inspirado na lateral do Mosteiro dos Jerônimos, em

Lisboa, e possui a segunda maior biblioteca do Rio, que abriga a primeira edição de “Os Lusíadas”, de 1572, além de toda a biblioteca de João do Rio.

Ao sair do Real Gabinete e atravessar a Rua Alexandre Herculano, chegamos à Praça Tiradentes e ao Teatro João Caetano. A praça, que nos séculos XVII e XVIII era apenas um alagado usado como pastagem e estacionamento de animais e carruagens, já foi chamada de muitos nomes, como: Campo dos Ciganos, Campo da Lampadosa, Praça da Constituição, etc; e recebeu o nome de Praça Tiradentes em 1890, em homenagem ao inconfidente que fora enforcado nesse local. No final do século XIX, a praça já mostrava sua vocação como cenário de cultura popular, principalmente nas artes cênicas.

O Teatro João Caetano, que é considerado o primeiro teatro da cidade, foi idealizado pelo príncipe regente que ordenou a construção do até então chamado “Teatro Real de São João”. O teatro, que passou por três grandes incêndios, já passou por diversas reformas, perdendo muito de seus aspectos originais.

Siga em frente pela Rua Silva Jardim, subindo pela Avenida República do Paraguai. No início da curva de subida, é possível verificar a Catedral Presbiteriana, a única edificação em estilo gótico do Centro do Rio, construída em 1862. Prossiga na Avenida República do Paraguai até virar a direita na entrada da Catedral Metropolitana.

A Catedral Metropolitana, construída entre 1965 e 1976, representa um verdadeiro marco do modernismo na arquitetura carioca, em contrapartida ao barroco das igrejas coloniais e do pós-modernismo dos edifícios inteligentes, como o *Rio Metropolitan* e o Edifício Ventura. Esta região representa um interessante cenário ilustrativo dos diferentes valores que predominaram em distintos momentos da história do Rio.

O Largo da Carioca, localizado logo ao lado destes grandes edifícios corporativos, constitui uma mistura perfeita de comércio, fé, cultura popular, improviso, sobrevivência e criatividade, tudo isso em um mesmo lugar. Localiza-se onde outrora existia uma enorme lagoa e teve sua urbanização iniciada a partir do Convento de Santo Antônio, construído por padres franciscanos no começo do século XVII (LESSA, 2000).

A Rua da Carioca foi primeiro batizada de Rua do Egito, por conta de um oratório público que existia ali e depois Rua do Piolho, por conta de uma figura popular que ali residia. Também sob discurso higienista, a lagoa foi aterrada e o local passou a se chamar Largo da Carioca em 1723, quando recebeu as águas do rio Carioca do morro de Santa Tereza pelo aqueduto recém-inaugurado. Também recebeu embelezamentos durante a Reforma Passos, como o relógio localizado no centro deste largo.

É indispensável nessa etapa do roteiro conhecer a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Esta igreja, datada de 1747, é de decoração barroca e inteiramente recoberta por talha dourada. Nesta etapa do roteiro, exponha-se ao interior desse templo sagrado que pode o auxiliar na tarefa de acumular silêncio.

Consideramos que acumular silêncio auxilia na tarefa de recolher as partes fragmentadas e perdidas da sua alma para um ponto de originalidade, que significa a capacidade de se reconhecer e dar uma nova direção, um sentido com uma perspectiva integrada. Nossa dispersão interna se revela fora, na palidez que, muitas vezes, acompanha a vida que cristalizada no cotidiano se tornou tediosa. Neste tédio habita o esquecimento do espírito. Este silêncio, para muitos, buscado na forma de meditação ou oração, tem a capacidade de reunir nossas forças por ser permissivo a tudo, nele tudo tem a permissão de se revelar. O templo dourado revela uma vontade tão antiga em nós de sacralização da vida. O valor do ouro não recai mais na matéria, mas na lembrança de um espírito que emana de todas as coisas. Não seria o espírito

também, para além de qualquer definição religiosa, uma aventura no desconhecido? Ele é encontrado no amanhã, na pessoa ao lado, e também, mais próximo ainda, no vir a ser em você. Talvez não haja nada mais coletivo do que a permissão embutida na palavra espírito. Saindo da igreja e retornando ao Largo da Carioca, continue o roteiro virando à direita em direção à Avenida Chile, atravesse esta rua e entre na Rua Treze de Maio até chegar ao Teatro Municipal, na região conhecida como Cinelândia.

A Cinelândia foi concebida ainda sob o contexto político-ideológico da Reforma Passos, portanto, concebida pelos moldes da arquitetura francesa. A Escola Nacional de Belas Artes, de 1908, foi projetada por Morales de Los Rios, inspirada na Ala Visconti do Museu do Louvre. O Teatro Municipal, de 1909, foi criado por René Barba e inspirado na Ópera de Paris. A Biblioteca Nacional é de 1910 e possui traços influenciados pela Escola Militar de Paris.

Todo este conjunto arquitetônico da Cinelândia vale a pena ser contemplado. Siga até o final da Praça Floriano até chegar a Praça Mahatma Gandhi, um grande vazio com um chafariz, onde antes se encontrava o monumental Palácio Monroe, réplica do pavilhão brasileiro da Exposição Internacional de 1904, em Saint Louis, e que foi erguido no Rio em 1906. O palácio foi a sede do Senado até 1960 e foi derrubado em 1975, por ordem do presidente Ernesto Geisel.

Prossiga o roteiro, virando à direita na Rua do Passeio até encontrar os portões do Passeio Público. Este local foi construído sobre o aterro da Lagoa do Boqueirão e foi projetado pelo vice-rei Dom Luis de Vasconcelos, que decidiu aterrar a lagoa “em nome da saúde pública”. Decorado pelo Mestre Valentim, que utilizou elementos tropicais na vegetação e nas esculturas de animais, foi inaugurado em 1783. Era fechado por muros e grades e somente as famílias mais abastadas tinham acesso, somente sendo aberto ao público em 1793, se tornando o primeiro jardim público da cidade.

Em 1786, foi palco da grande festa em comemoração do casamento de D. João VI com Carlota Joaquina, considerado por muitos o primeiro carnaval da cidade. Em 1861, o projeto de Valentim foi modificado pelo paisagista Auguste Glaziou, com influência do romantismo. Do jardim colonial, ainda vê-se o portão da entrada, os obeliscos e o chafariz dos jacarés, o primeiro grande ornamento público da cidade.

Saindo do Passeio Público, retorne em direção à Cinelândia e atravesse a Avenida Rio Branco. Caminhe contra o fluxo dos automóveis até encontrar a Rua Pedro Lessa. Entre nesta rua e caminhe até a Rua da Imprensa, onde se encontra o ponto final de nosso roteiro: o prédio do MEC (localizado a poucos metros da Santa Casa de Misericórdia, que foi o ponto de partida do roteiro). Este prédio, inaugurado em 1943 para sediar o Ministério da Educação e Saúde, se tornou um ícone da arquitetura modernista brasileira e internacional. Inspirado em um croqui elaborado por Le Corbusier, grandes arquitetos projetaram este edifício e foi revolucionário por não ocupar o quarteirão inteiro e ser erguido por pilotis, possuindo painéis de azulejos e pinturas de Portinari, junto a jardins de Burle Marx (SEARA, 2004).

Ao passear pelo pátio interno deste edifício, o participante é convidado naturalmente pelo espaço a refletir acerca de segurança e liberdade – logo abertura, consciência aberta, uma verdadeira confiança na vida como ela se revela. Uma questão interessante para este fim de roteiro é: Onde na sua vida você encontra segurança e onde na sua vida você encontra liberdade?

A manutenção dessa consciência do aberto é exatamente o que a gente chamaria de trabalho do espírito, é a percepção não somente preocupada com a definição das coisas do mundo, mas a percepção dos movimentos no engajamento de relações, a cada momento, mais vastas. Vale lembrar que neste trabalho conceituamos “espírito” como um senso de pertencimento comum.

A consciência, muitas vezes, se perde nas relações que culminam na objetividade capaz de levar a um lugar comum. Propõe tão somente a funcionalidade da vida. Mas todo lugar comum, também, pode levar a consciência para as relações mais essenciais da vida, abrindo o sujeito para si mesmo e seu entorno. A relação é um movimento, é o que os gregos denominavam de *pneuma*. Permanecer na casa do espírito é essencialmente andar acordando o entorno com uma subjetividade desperta. Até onde somos é, simultaneamente, uma liberdade e uma segurança.

### **O Rio de Janeiro continua sendo...**

A cidade atual se explica mais pela oralidade do que pela materialidade – torna-se fundamental cada vez mais o olhar para o outro no espaço. Camelôs, entregadores de papeizinhos de empréstimos e de feitiçarias diversas, pregadores religiosos e artistas populares do Largo da Carioca, banqueiros do jogo do bicho, guardas municipais sempre dispostos a aplicar o chamado “choque de ordem”, dentre outros tantos tipos urbanos, são os que definem com mais propriedade o Rio de Janeiro contemporâneo, cuja necessidade de reconhecimento/inclusão do outro está sendo cada vez mais evidenciada.

As recentes obras de revitalização da zona portuária da cidade têm possibilitado o reencontro com diversos artefatos até então enterrados abaixo da superfície onde a cidade foi crescendo. O porto que no passado abriu a cidade e o país para um mundo de diversidade e desenvolvimento, agora novamente, colabora em nos revelar uma dimensão interna da vasta alteridade que nos constitui como cariocas e brasileiros. Dentre inúmeros tesouros arqueológicos como canhões, jornais, moedas antigas e objetos de uso cotidiano; está emergindo também o passado doloroso da cidade – inúmeras ossadas de escravos que não suportaram a degradante viagem desde o continente africano ou as péssimas condições que lhes eram impostas em solo carioca.

Ao desenterrar do fundo a dor dos principais responsáveis por sua construção, a cidade está sendo convidada a uma verdadeira reconciliação com o seu passado e a fazer diferente neste período em que está tão em foco por conta dos grandes eventos que ocorrerão nela. É, sem dúvida alguma, um grande momento para se pensar na melhor maneira de acolher o outro e a si mesma. Para nossa consciência, um chamado a responsabilizar-se sobre nossa própria vida, ou seja, o não esquecimento de si. Com isso, finalizamos nosso trabalho com uma última proposta de reflexão a ser pensada onde quer que você esteja: por qual aspecto da sua vida ainda resta se responsabilizar para que você possa fluir naturalmente por toda e qualquer paisagem que a vida lhe apresente?

Por fim, o Rio contemporâneo resulta na não permanência rígida das paisagens aqui apresentadas, assim como não se esgotam as questões aqui propostas. Parafraseando o filósofo Heráclito, não é possível repetir duas vezes iguais este roteiro, pois nem você e nem a paisagem serão os mesmos. Todas estas questões são passíveis de serem pensadas recorrentemente, pois não existe resposta certa e definitiva. O que existe são diferentes lugares de consciência que apresentam distintos acessos para estas mesmas questões.

Existe um trabalho comum ao ser humano, que é trazer ou revelar o espírito na terra. Este espírito humano é encontrado nas mais diversas manifestações criativas, que agregaram à fisicalidade um atributo minimamente simbólico. Neste sentido, podemos colocar o ego, no senso especial de sermos únicos e aparte, em risco ao afirmarmos que o ser humano é parte da natureza e, simultaneamente, detentor de uma natureza própria, por ele sacralizada pelo grande atributo coletivo do espírito – o belo.

A natureza que nos é única, incorporada pelo belo, ganha sua legitimidade somente quando devolvida da dimensão interna, e partilhada com a coletividade que a preexistia, assim a transformando. Qual o sentido de esgotar esta bela relação

essencial da natureza com a nossa humanidade? A destruição da natureza é reveladora do empobrecimento de nossa consciência, do contato com essa relação essencial que possibilita nossa vida e sua evolução. Transcender é, antes de mais nada, respeitar. O espírito desta maneira é encontrado numa participação com uma consciência mais desperta ou aprofundada dos lugares onde a vida se revela, para nós, bela. Toda vez que alguém se maravilha com uma paisagem, lançando um novo olhar sobre ela, conecta o mundo do espírito com o mundo da matéria.

A bela paisagem do Rio é, de fato, sublime, um verdadeiro tesouro (agora formalmente reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade), um constante convite ao maravilhar-se. Na nossa paisagem interior esse tesouro revela também o inexorável fato que o “caráter conquistador” da história da cidade não considerou: esse tesouro não se dá à apropriação. Quando nos conscientizamos desse tesouro que há muito tempo nos espera só resta nos curvarmos e traduzir essa emoção relembando: “Rio eu gosto de você”.

## Referências

ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BONDER, N. **Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

DO RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FRANÇA, J. M. C. **Visões do Rio de Janeiro Colonial**: antologia de textos (1531-1800). Rio de Janeiro: Ed.UERJ/José Olympio, 2000.

GUIMARÃES, S. T. de L. **Paisagens**: aprendizado mediante experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. Tese (Livre Docência). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

LESSA, C. **O Rio de todos os Brasis**: uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MACY, J.; BROWN, M. **Nossa vida como Gaia**. São Paulo: Gaia, 2004.

NAESS, A. The Basics of Deep Ecology, **The Trumpeter**, l. 21, n.1, p.61-71, 2005.

PACHECO, S. Rio Branco: uma avenida centenária. In: CARRERAS, C.; PACHECO, S. (orgs.). **Cidade e Comércio**: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

SEARA, B. **Guia de roteiros do Rio Antigo**. Rio de Janeiro: InfoGlobo Comunicações Ltda, 2004.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

---

## RESUMO

A proposta deste trabalho, propositalmente ousada em termos acadêmicos, mas em nada inédita quando recordamos antigos cronistas, filósofos, poetas, xamãs, peregrinos; é apresentar um roteiro reflexivo pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro, onde o participante é convidado a deixar de lado ideias pré-concebidas a respeito dos lugares visitados e a pensar acerca de questões específicas da experiência humana, a partir de sua própria vivência. A ideia é que o participante deste roteiro estabeleça uma relação íntima com elementos emblemáticos da paisagem do centro do Rio a ponto destes servirem de inspiração/ponto de partida para reflexões mais profundas acerca de suas próprias questões internas.

**Palavras-chave:** Paisagem. Geografia Humanística. Percepção Ambiental. Psicologia Ambiental. Ecologia Profunda. Paisagem Urbana.

## ABSTRACT

The purpose of this work, daring academically, but not unprecedented when we remember ancient chroniclers, philosophers, poets, shamans, pilgrims; It is to present a reflective route through the city center streets of Rio de Janeiro, where the participant is asked to set aside preconceived ideas about the places visited and to think about specific issues of the human experience, from their own experience. The idea is that the participant of this script establishes

an intimate relationship with iconic elements of the center of Rio landscape and allow them to serve as inspiration / a starting point for deeper reflections about their own internal issues.

**Keywords:** Landscape. Humanistic Geography. Environmental Perception. Environmental Psychology. Deep Ecology. Urban Landscape.

---

#### Informações sobre os autores:

<sup>1</sup>Marcelo Pereira Matos – <http://lattes.cnpq.br/2145610292306146>

Geógrafo, Doutor em Geografia pela UNESP/Rio Claro.

Atua como professor e pesquisador no Círculo Aletheia.

Contato: [marcelo@circuloaletheia.com](mailto:marcelo@circuloaletheia.com)

<sup>2</sup>Mauro Fausch Buhler

Terapeuta holístico, Bacharel em História da Arte pela UERJ.

Atua como professor e terapeuta no Círculo Aletheia. Criador do Método Aletheia.

Contato: [mauro@circuloaletheia.com](mailto:mauro@circuloaletheia.com)